

TRABALHO DOCENTE E POLÍTICAS CURRICULARES: REFLEXÕES SOBRE O COMPROMISSO DA DOCÊNCIA

Luan Portella da Silva¹
IFFARROUPILHA
luanportella@gmail.com

Ivana Cardoso da Silva²
IFFARROUPILHA
ivanawaters@gmail.com

Letícia Ramalho Brittes³
IFFARROUPILHA
leticia.brittes@iffarroupilha.edu.br



RESUMO: O planejamento e a execução do currículo são problemas gritantes no âmbito escolar justamente pela falta de iniciativa associada a falta de questionamentos pelo trabalho docente. Este estudo buscou compreender o significado do trabalho docente e as políticas curriculares com objetivo de refletir sobre a ligação entre eles e as razões que as levam a ser cada vez mais formais e acabam deixando de lado a qualidade dos conteúdos e os valores nelas implícitos, além de apresentar a integração curricular como uma possível solução para este problema. Através de pesquisas bibliográficas com vários autores, realizou-se este estudo levando em consideração o momento atual da educação e as razões que o regem e como a integração curricular poderia contribuir. Afinal, como futuros professores necessitamos de bases e orientações para tecer nossas opiniões e justificar nossas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Docente; Políticas Curriculares; Integração Curricular.

1. Introdução

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Matemática. Instituto Federal Farroupilha.
luanportella@gmail.com

² Graduando do curso de Licenciatura em Biologia. Instituto Federal Farroupilha.
ivanawaters@gmail.com

³ Doutora em Educação (UFPel). Docente no Instituto Federal Farroupilha.
leticia.brittes@iffarroupilha.edu.br

Dentre todas as profissões é difícil encontrar uma na qual seu efeito seja tão duradouro quanto a de ser professor, ou ainda um que seu real propósito só seja percebido anos mais tarde, pois muito do trabalho docente só irá surtir efeito a longo prazo. Por exemplo, algo “simples” como estimular uma criança a adquirir o hábito de ler não é tarefa que se alcance da noite para o dia, competindo com várias outras formas de entretenimento presentes na vida dela. No entanto, sabe-se também que a ação do professor influencia em questões mais intrínsecas, um exemplo disso é auxiliar os alunos a superar frustrações. Levando em consideração essas duas divisões do trabalho, intrínseca e extrínseca, como um professor deve se preparar ou se planejar para alcançar os objetivos propostos, já que como citado, muitos de seus resultados só seriam observados anos depois.

Não devemos fazer com que nossos alunos se moldem a nossas teorias e sim que nossas teorias se moldem a nossos alunos. A complexidade e a beleza do trabalho docente estão na diversidade das pessoas e situações que o compõem, tornando impossível escrever um manual que contemple todas essas diferenças, além de fazer com que estudos sobre esses temas sejam cada vez mais abrangentes e por consequência muitas vezes vagos.

Porém se trabalhos como este mostram muitas vezes vagos, porque insistir nesses estudos, como Perrenoud salienta “ A formação, inicial e contínua, embora não seja o único vetor de uma profissionalização progressiva do ofício de professor continua sendo um dos propulsores que permitem elevar o nível de competência dos profissionais. ” (PERRENOUD 2002.p.12).

O objetivo desse estudo é refletir sobre a ligação entre o trabalho docente e suas políticas curriculares que tendem cada vez mais a buscar a formalidade e seguem perdendo valores e conteúdo, além de apresentar uma nova abordagem, a integração curricular, como uma possível solução para este problema. O planejamento e a execução do currículo são problemas gritantes no âmbito escolar justamente pela falta de iniciativa associada a falta de questionamentos sobre eles. Através de pesquisas bibliográficas com vários autores, buscou-se estudar o momento atual da educação e as razões que o regeme como a integração curricular poderia contribuir. Como futuros professores necessitamos de bases e orientações para tecer nossas opiniões e justificar

nossas ações, afinal não é porque a situação da educação estava ruim quando chegamos que devemos deixá-la permanecer neste estado.

2. Desenvolvimento

2.1. Trabalho Docente

Adquirir o título de professor é apenas o primeiro passo de uma longa e árdua jornada, pois com o decorrer dos anos mais significados são atribuídos ao seu título e cada vez mais se é exigido do mesmo. A complexidade do seu trabalho é atribuída as responsabilidades que o professor deveria se dispor ao assumir esse compromisso. Contudo, pelo baixo reconhecimento do seu trabalho ou por comodidade, o professor ainda se mantém preso a simplicidade do método tradicional. Ministrando apenas aulas comumente trabalhando conteúdos metódicos, sendo frio e raso, mesmo sabendo que se tratam de pessoas e como tal necessitam de uma aproximação mais humanitária.

“Já não cabe mais a generalização na educação escolar. Cada contexto de aprendizagem está marcado por um conjunto de fatos e circunstâncias que conformam sua singularidade. O que acontece na escola, o acúmulo de interações e intercâmbios comunicativos que nela se produzem, não pode equiparar-se, de forma alguma, com o que acontece num laboratório ou se reproduz num experimento, nem pode mimetizar-se com o que acontece em outro centro. (HERNÁNDEZ E VENTURA, 1998, pg.17) ”

Aprender a trabalhar com as pessoas é tão importante quanto saber efetuar cálculos de cabeça. Então, como esperamos que nossos alunos se tornem cidadãos críticos e pensantes se privamos apenas por trabalhar apenas a parte racional do aluno. Talvez pela comodidade, é mais fácil avaliar um aluno pela capacidade de memorizar fórmulas químicas do que pela sua capacidade de trabalhar em equipe com os colegas.

Paulo Freire (2001) divideem duas classes os professores que se encontram nessa zona de conforto: os que tinham consciência de sua atual situação e os que não tinham.

Educadores ingênuos, são considerados aqueles que, devido a rotina ou a falta de autorreflexão, se encontram em uma área de estagnação sem mesmo se dar por conta disso. Por outro lado, a ingenuidade tática, mostra que não somente a autorreflexão é capaz de mover ou educar para fora de zona, o que ocorre em muitos dos casos. O educador sabe que poderia e deveria fazer, mas simplesmente não o faz, seja por motivos óbvios, seja por motivos complexos. No entanto, o mais comum, é a falta de humildade do educador em admitir o estado e a ignorância que se encontram. Ignorância essa também pelo fato de se considerar um sujeito pronto em que seu título é comprovante de sua integridade.

“...o saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de sua carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho ao mesmo tempo em que se tornam parte integrante de sua consciência prática. (TARDIF,2005, p.14)”

A situação burguesa e minoritária na qual a educação se encontrar é oriunda da própria burguesia que a criou. Porém, isso nunca foi um motivo para não rever o processo de educação e assim o mudá-lo, ou pelo menos, incrementar ações que busquem inserir e abranger a parte desfavorecida, por isso uma reforma nas práticas educativas presentes no currículo é necessária. O professor deve usar o currículo com principal ferramenta de trabalho e não como documento que deve ser evitado ou cumprido às pressas. Por mais complexo que possa parecer, esse é o compromisso que se assume ao ser professor.

Aqui se requer a autonomia docente para produção de currículos que privilegiem as reais necessidades dos estudantes. Um currículo que proporcione a criação de possibilidades para a resolução de problemas cotidianos dos sujeitos inseridos na - e

para além - da escola, nesse entendimento, inclui-se a comunidade escolar, a qual precisa ser coparticipante das decisões tomadas nos espaços escolares.

Currículo

Currículo serve para descrever a trajetória de uma pessoa, na educação não é diferente, ele refere-se a uma construção cultural particular de conhecimento, um modo de organizar práticas educativas, ou ainda a um projeto ou plano educativo. Segundo José Gimeno Sacristán (2000, pg.13):

“A prática a que se refere o currículo [...] é uma realidade prévia muito bem estabelecida através de comportamentos didáticos, políticos, administrativos, econômicos, etc., atrás dos quais se encobrem muitos pressupostos, teorias parciais, esquemas de racionalidade, crenças, valores, etc., que condicionam a teorização sobre o currículo. ”

Não ser um produto do seu meio, mas fazer com que o seu meio seja um produto de suas ações. O currículo como ferramenta para a prática docente, deve ser moldado a favor e conforme os propósitos dela. Sacristán (2000, pg. 21) orienta:

“...que sua construção não pode ser entendida separadamente das condições reais de seu desenvolvimento e, por isso mesmo, entender o currículo num sistema educativo requer prestar atenção às práticas políticas e administrativas que se expressam em seu desenvolvimento, às condições estruturais, organizativas, materiais, dotação de professorado à bagagem de ideias e significado que lhe dão forma e que o modelam em sucessivos passos de transformação. ”

Para que o currículo represente as necessidades das pessoas ligadas a ele, o mesmo não deve ser algo estático, imutável, mas estar em continua construção. Enfim, nossa intenção não é apenas a reprodução de conteúdos padrões ou é ...?

O currículo histórico da educação nos remete a uma concepção de um ambiente que ministrava apenas o conhecimento disciplinar, desconsiderando as experiências prévias do indivíduo e guiando-o a uma educação regrada. Sendo assim, só possuía capacidade de participar da vida social e econômica quem detinha saberes apropriados.

Atualmente temos noção das falhas da educação desde o princípio devido aos estudos do currículo, porém a atual não se sobressai a tradicional, que se mantém presa a quesitos preestabelecidos de formação padrão de alunos. No entanto o maior problema está no planejamento ou na execução do currículo? É difícil apontar um culpado em um círculo vicioso.

Primeiramente, a confecção do currículo deve ser coerente com a realidade em que é trabalhado, não se pode apenas encher um papel com palavras rebuscadas que busquem situações utópicas e esperar que ele seja cumprido. A função social do currículo é fazer a ligação entre a escola e a sociedade, logo o mínimo que se espere é que o mesmo a leve em consideração na sua confecção.

Por outro lado, temos os profissionais amargurados pela situação em que se encontram, acomodados e conformados com o rumo que a educação tem seguido. Também não devemos tachar o professor de vilão, sabemos da nossa importância, porém esperar que os “especialistas” ou uma entidade superior nos traga a solução para, só então, sermos valorizados, isto nada mais é que uma mistura de inocência e ignorância. Existe ainda um terceiro agente, a sociedade, que se mantém ausente e que não participa das próprias questões que a influenciam e se espantam ao ver a situação em que se encontra.

É difícil apontar o verdadeiro culpado ou quem iniciou esse jogo de culpa, mas sabemos quem tem competência para resolvê-lo. A capacidade de se adaptar do docente em conjunto com uma autorreflexão e avaliação de si mesmo e capaz de modificar o seu trabalho e formar sujeitos pensantes que incorporem as mesmas habilidades de seus mestres. No final, a seleção, aplicação e avaliação de aprendizagens são o reflexo do seu trabalho, porque é disso que o currículo é constituído como Sacristán (2000, pg. 46) reforça:

“O currículo aparece, assim, como o conjunto de objetivos de aprendizagem selecionados que devem dar lugar à criação de experiências apropriadas que tenha efeitos cumulativos avaliáveis, de modo que se possa manter o sistema numa revisão constante, para que nele se operem as oportunas reacomodações.”

Todavia, a formação de sujeitos pensantes exige muito mais dos docentes e também a reformulação (ou criação) nos trabalhos com temas mais delicados como é o caso do currículo oculto que envolvem a parte intrínseca dos alunos, como personalidade e caráter.

7

2.2. Currículo Oculto

O currículo oculto não é planejado e, em consequência disso, um acontecimento ou uma ação traz à tona os assuntos que deveriam ser trabalhados abertamente, mas muitas vezes não são, como é o caso da ética, moral, gêneros e preconceitos. Como esse tema só foi descoberto recentemente, o debate sobre a educação tradicional ainda é muito mais forte pois ainda mantemos os mesmos padrões de educação disciplinar, desconsiderando as experiências prévias dos estudantes. Vale lembrar que o problema maior não está no ato inconsciente, mas sim na repetição do mesmo sem uma reflexão, sem um estudo de si mesmo. Analisando a palavra “oculto”, sabe-se que ele remete à objetos ou circunstâncias desconhecidas que só são reveladas em consequência dos efeitos que causam, sendo assim, currículo oculto é um conjunto de práticas ou assuntos subentendidos que influenciam a formação humana do aluno. Segundo Apple (1986, pg. 70):

“O currículo oculto que hoje denominamos como tal foi o currículo explícito da história da escola. A importância da escolarização numa sociedade industrial dominada por um tipo de saber aparenta relegar o valor da escola como socializadora e promotora de um determinado consenso social e moral. Hoje, notamos o valor do currículo oculto como delator de uma educação encoberta, em reação à visão da escola

como uma instituição generosa, igualadora e propagadora do saber e das capacidades para participar na vida social e econômica.”

A visão que o aluno tem de seu professor direciona o processo da criação de sua própria identidade, esse processo contínuo é influenciado não só pelo comportamento do docente e colegas, mas também pelo modo que eles reagem ao comportamento dos outros e interagem entre si. Numa visão utópica, o professor seria o responsável pela educação disciplinar e humana do estudante, sendo imparcial e não apático em relação ao conhecimento de mundo de cada um.

Segundo Ludgren (apud SACRISTAN, 2000, p.38):

“O conteúdo de nossos pensamentos reflete no nosso contexto social e cultural. Ao mesmo tempo, nossas reconstruções subjetivas, cognitivas sobre o mundo relacionado conosco intervêm em nossas ações, e, dessa forma, mudam as condições objetivas do contexto social e cultural”.

Nesse âmbito, é dever do professor criar um espaço acolhedor. No entanto, o mesmo se encontra muitas vezes isolado por não receber apoio da gestão escolar ou se sente despreparado para trabalhar com um assunto tão delicado, com receio de causar desavenças com a família. E aqui se observa mais um exemplo sobre a questão do currículo oculto, que acaba sendo desvalorizado em detrimento do trabalho disciplinar tradicional.

Uma atitude errada que a gestão escolar adota para solucionar essas lacunas é solicitar ajuda externa de palestrantes ou especialistas para explicar tais assuntos, sendo que os mesmos tratam de forma genérica contextos sociais distintos. A escola deve beneficiar-se da familiarização do aluno com o professor e vice-versa, essa relação torna o debate mais fácil e o estudante se sentiria mais à vontade pois já conhece o professor.

“Os estudos mais desenvolvidos na perspectiva social nos conscientizaram para o enfoque sociológico de ver no currículo uma expressão da correlação de diversas forças na sociedade; e os estudos mais funcionalistas nos mostraram o currículo como um objeto técnico, ascético, que é preciso desenvolver na prática, na perspectiva meios-fins. Uma alternativa crítica deve considerar o currículo como um artefato intermediário e mediador entre a sociedade exterior às escolas e as práticas sociais concretas que nelas se exercitam como consequência do desenvolvimento do currículo. ” (SACRISTÁN, 2000, p. 49)

9

Embora o currículo oculto, não permaneça mais tão oculto nos dias de hoje, devido ao interesse de muitos autores pelo tema, usando o enfoque de Sacristán ainda é mais que visível o tamanho da necessidade de uma equipe preparada para trabalhar com tais situações, já que o currículo só se desenvolve em consequência das práticas sociais exercidas na escola. Contudo, a justificativa por conteúdos tão importantes serem deixados de lados se deve ao fato dos mesmos não serem avaliados ou supervisionados.

2.3.Currículo Avaliado

Dentre as subdivisões trabalhadas no currículo, este é o mais valorizado no contexto atual, pois o mesmo é a fase de comprovação do ensino docente, além de ser tomado como um indicador da situação atual da educação na instituição. Extremamente superficial o modo como foram e ainda são conduzidos os processos de avaliação, as notas representam apenas a capacidade do aluno em memorizar mecanicamente a resolução de problemas contrastando com o ponto de vista social da escola.

Ao invés de se sentir à vontade em um ambiente que o permita falhar e criar métodos alternativos para obter os resultados desejados por ele mesmo, os critérios de avaliação muitas vezes o sufocam, os obrigando a escolher apenas uma das opções pré-fornecidas e acabam desestimulando outro dois dos maiores bens do estudante, sua criatividade e curiosidade.

“De alguma forma, o ensino se realiza num clima de avaliação, enquanto que as tarefas comunicam critérios internos de qualidade os processos a serem realizados e nos produtos esperados delas e, portanto, pode-se afirmar que existe um certo clima de controle na dinâmica cotidiana do ensino, sem que necessariamente deva manifestar-se em procedimentos formais que, por outro lado, são muito frequentes. Um aluno sabe que o avaliam quando lhe perguntam, quando lhe supervisionam tarefas, quando o professor lhe propõe uma linha de trabalho cotidiano, quando o desaprovam. Em toda essa dinâmica e clima, desde a perspectiva do aluno, configura-se um critério acerca do que se entenderá por aprendizagem valiosa de qualidade.” (SACRISTÁN, 2000, p. 311)

10

Envolto nesse sistema, o aluno se obriga a participar dessa valorização seletiva ou perece com ele. Jackson (1968, p. 36) afirma que em um sistema de punições e recompensas, no confronto com o poder, o estudante passa a ser passivo e aceitar a multiplicidade das regras, regulamentos e rotinas em que está inserido.

Isso nada mais é do que a influência de tendências tradicionais na educação, que acarreta na alienação⁴ do indivíduo, já que o mesmo passa a perder gradativamente seu poder de decisão e começa a aceitar padrões. Apple (apud ROMANELLI, ano, pg.) afirma que sob a influência da tradição seletiva, o *corpus formal* do conhecimento escolar produz e reproduz a hegemonia⁵, e isso faz com que certos aspectos da cultura coletiva sejam apresentados nas escolas como conhecimento objetivo. Produzindo uniformização e estabilização dos contextos de aprendizagem e formas de consciência padronizadas o bastante para aceitar como dados da escolarização o controle social, o conformismo, as distinções de classe, gênero e raça.

“Diz-se também que uma tendência à objetivação dos procedimentos de avaliação pode resultar numa tendência à redução de aspirações, ao querer submetê-las a um controle mais preciso, orientando seletivamente aspirações e métodos para aqueles aspectos mais

⁴Entende-se por alienação o conceito que trata da construção raciocínio humano em termos de uma falsa consciência, tem-se como exemplo prático o papel atuante da mídia da produção da liberdade das classes oprimidas, sendo que estas são, de fato, subordinadas à classe opressora. Ao que tange a este conceito ver Marx (1984).

⁵Já o conceito de hegemonia tem suas bases defendidas por Gramsci e atrela-se a noção de poder, ao pensamento social que estabelece como molde válido em relação ao demais em um determinado momento histórico.

factivamente avaliáveis. Os estudos realizados sobre conteúdos de provas de avaliação mostram uma pronunciada corrida para os objetivos de conhecimento mais elementares.” (SACRISTÁN, 2000, p. 325)

A padronização do currículo fere a diversidades dos alunos, visto que acaba por privilegiar uma minoria, afundando, em conjunto com a meritocracia, ainda mais a educação em um sistema recluso e antidemocrático.

11

3. Integração Curricular

Em resposta a padronização de conhecimentos, a integração curricular busca unir os conhecimentos específicos e gerais do indivíduo, aproximando os conteúdos trabalhados na escola as suas vivências e seu conhecimento de mundo proporcionado, como Beane (2003) explica, aprendizagens integradoras.

aquilo que denominarei por aprendizagem integradora envolve experiências que literalmente se tornam parte de nós próprios – experiências de aprendizagem inesquecíveis. Tal aprendizagem implica a integração em dois modos: um primeiro, à medida que as novas experiências são “integradas” no nosso esquema de significação e, um segundo, à Integração Curricular medida que organizamos ou “integramos” experiências passadas de modo a ajudar-nos a enfrentar novas situações problemáticas. (BEANE, 2003)

Seu caráter democrático idealiza a busca pela troca de experiências do indivíduo e da escola, afinal “ O aluno aprende (melhor) quando torna significativa a informação ou os conhecimentos que se apresentam na sala de aula” (Hernández e Ventura,1998). Logo quando levamos em consideração os conhecimentos dos indivíduos de uma sociedade estamos, direta e indiretamente, configurando a educação a toda ela, pois suas consequências serão trabalhadas e aprimoradas em conjunto.

“...a implementação de um currículo centrado em problemas corporiza a ideia de que o modo de vida democrático envolve trabalho colaborativo nas questões sociais comuns. A participação de jovens na

planificação curricular procede de um conceito democrático de participação, de tomadas de decisão e de governação colaborativa. A inclusão de questões pessoais paralelos aos problemas sociais parte da possibilidade democrática de integrar interesses pessoais e sociais. E, tal como brevemente constataremos, a integração do conhecimento provém da ideia do uso democrático do conhecimento como um instrumento para a resolução inteligente de problemas. ”

Embora seu significado tenha sido muitas vezes confundido com a interdisciplinaridade, a integração curricular acaba contribuindo com a mesma, pois em um contexto mais amplo a abordagem integradora evita o esfacelamento do conteúdo, unindo os agentes envolvidos, sejam eles de disciplinas diferentes ou não, em uma ação conjunta.

Seus métodos de avaliação também são mais democráticos, por que envolvem menos tecnicismos, como confirma Sacristán (2000, pg.331):

“Os aspectos técnicos de como realizar a avaliação são secundários, embora não irrelevantes. À medida que se referem ao modo de realizar uma série de operações, são de importância para os professores, mas é mais transcendental ou prioritário dotá-los de conceitos e instrumentos críticos para analisar o conteúdo da avaliação e a sua utilização. ”

Mais do que um substituto viável, a integração curricular mostrou resultados melhores do que o currículo por disciplinas, justamente porque o aluno se sente à vontade para expor e aplicar as experiências adquiridas de suas vivências, tornando o conhecimento teórico mais sucinto e aplicável a realidade que estão inseridos. Ao invés de fazer com que os alunos se adaptem aos conteúdos escolares, a abordagem integradora molda seus conhecimentos a comunidade, contribuindo para que a mesma mantenha suas características e culturas.

4. Considerações Finais

Pesquisar sobre o trabalho docente e suas ligações com o currículo contribuiu diretamente para o nosso crescimento e aprendizado, não só pela grande demanda de

fontes que o tema necessita e nos permite conhecer, uma vez que era esperado que um tema complexo produzisse respostas complexas, mas por identificar na nossa própria educação situações semelhantes que clamam por ajuda e buscar soluções como para elas.

O docente deve buscar o seu aprimoramento e o intercâmbio de experiências que ocorre quando o mesmo recorre a trabalhos de outros autores, além de disseminar o trabalho deles server como veículo para expressar seu próprio ponto de vista e anseios na luta por um bem comum.

Paulo Freire(2011, pg. 21)nos motiva dizendo que:

“Os homens alcançam a razão dos obstáculos na medida em que sua ação é impedida. É atuando ou não podendo atuar que se lhes aclaram os obstáculos à ação, a qual não se dicotomiza da reflexão. E como quando se impede um homem comprometido de atuar, os homens se sentem frustrados e por isso procuram superar a situação de frustração.”

O professor deve estar ciente do poder que possui e da influência que é capaz de exercer e usá-los para estimular seus alunos a construir seu próprio conhecimento e dominar sua própria evolução, trabalhando em prol do seu crescimento e do crescimento do seu país. Tarefa fácil não é, ainda há muito há a se fazer, reformas nos pilares da educação para a humanização dos discentes, redefinição nos métodos de avaliação para contemplar a todos, melhorias na comunicação para que a sociedade participe das questões escolares, mas como exposto anteriormente a integração curricular pode mostrar uma direção a ser tomada.

“Pensar desta forma sobre a integração de conhecimento e o seu uso como instrumento para a abordagem de problemas reais, é um sinal do significado mais profundo subjacente à ideia de integração curricular, nomeadamente as suas potencialidades para dar vida à democracia na vida escolar. Enquanto a ideia mais comum de escolas democráticas compreende apenas a utilização de tomadas de decisão participadas, o seu sentido mais amplo inclui a atenção prestada a determinadas questões, problemas e preocupações com que se depara uma sociedade

democrática. Este aspecto do modo de vida democrático envolve o direito, a obrigação e o poder das pessoas procurarem soluções inteligentes para os problemas que se lhes deparam, individual ou coletivamente. E para este propósito, a integração de conhecimento é especialmente adequada.” (BEANE, 2003)

Apesar de muitas vezes o reconhecimento ser uma grandeza inversamente proporcional na educação, a estagnação é o pior inimigo (atual) do docente, não assumir uma postura não é sinônimo de apatia e sim de fraqueza, assim como não escolher um lado significa que você já optou pelo lado dominante. Refletir sobre os problemas da educação já é algo de grande valia, porém nada substitui a iniciativa, porque não importa os quão benevolentes sejamos em nosso interior, nossas ações nos definem.

Obviamente e não menos importante, não podemos deixar de lado a questão da valorização do magistério e isso inclui a melhoria das condições de trabalho no interior das escolas. Sobretudo se a iniciativa não partir da flexibilização curricular, estaremos sempre diante de um discurso que minimiza o potencial docente, corroborando para práticas pedagógicas que não irão atender às reais necessidades dos estudantes.

Referências

APPLE, Michael W.; FIGUEIRA, Vinicius. **Ideologia e currículo**. 3º ed. Porto Alegre: Artmed, 2006 (Citado por ROMANELLI).

APPLE, W. M. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artmed, 1989.

BEANE, James A. **Integração curricular: a essência de uma escola democrática**. Currículo sem Fronteiras, v.3, n.2, pp. 91-110, jul. /Dez 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo. Editora Cortez, 2011. 51ª edição, volume 22.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2011 34 ed. Ver. e atual.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. V.1 – Introdução ao estudo da filosofia. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro. Civilização: Civilização Brasileira, 1999.

HERNANDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Expressão Popular, 1984

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROMANELLI, C. T. A. **Currículo oculto para seletividade na legislação do ensino brasileiro**. Disponível em:
http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/trabalhos/trab002.rtf Acesso em 05 de maio de 2016.

SACRISTÁN, G. J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 3ªed.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2005.